



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

13 DE JUNHO DE 1959
ANO XVI — N.º 398 — Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

FACETAS DE UMA VIDA

Na data em que começo este número do Famoso ocorre a Festa do Corpo de Deus. Festa muito da devoção de Pai Américo.

Por coincidência curiosa, ao procurar material para esta rubrica, caí-me sob os olhos a narração que segue, do actual Arcipreste de Soure.

Voltemos, pois, 25 anos atrás.
Soure, Corpo de Deus — 1934...

O Padre Américo prègou aqui vários anos. Aí por 1934 foi na festa do Corpo de Deus, em que se passou o seguinte:

No fim da missa da manhã, foi ao Tribunal pedir ao Dr. Delegado uns bancos para umas tarimbas destinadas aos leitos dos presos que dormiam no chão. Ia de batina, o que era estranho. Junto à loja do Augusto Vasco, em frente da actual praça da hortaliça, estava uma pequenita de cerca de 13 anos. Vendo-o, chamou uma outra mais nova: «olha ali um homem com saias!... Queres ver?» O Padre Américo abeirou-se da Maria Lucinda e estendeu a mão com o indicador e o máximo fechados para lhe apertar o narizito, de brincadeira, e por estima. A pequenita, porém, teve medo, apesar de o ver rir e, fugindo, tropeçou no degrau da porta. Ele levantou-a, animou-a e ela ficou bem disposta.

Remorando-se com o Dr. Delegado cerca de hora e meia, rente já da Missa cantada, saiu do Tribunal e viu o largo do monumento aos mortos da Guerra coalhado de povo em grande alarido. Perspicaz, logo percebeu que tudo se ligaria com o assunto da pequena e retrocedeu pela esquerda para evitar qualquer coisa desagradável. Uma mulher, porém, corre-lhe ao encontro: «quem lhe deu licença de bater na minha filha?» E sem mais, dá-lhe duas bofetadas. Foram tantos os vivas, apoiados, e louvores à mulher quanto os insultos, assobios, morras e foras, dirigidos a ele.

Que acontecera? Era necessário inutilizar a acção benéfica do Padre Américo no púlpito, nas casas dos pobres e na cadeia e a ocasião não poderia ser melhor. Por isso, uns indivíduos da vila fizeram pressão sobre a criança para que dissesse à mãe que lhe batera e à mãe disseram que lhe desse uma lição:

O Padre Américo confessou mais tarde que não lhe custaram as bofetadas, mas sim os apupos e assobios, palmas e toda a manifestação de ódio saída daquela multidão desvairada que o quis humilhar. E, se não fosse um pequenito de 7 anos que lhe foi ensinar o caminho, nem dava com a Igreja. Um pouco atrasado, não vinha calmo como do costume, ao pedir a bênção ao celebrante. Foi para o púlpito. Notava-se cansaço e acabrunhamento.

A notícia correu veloz. O Juiz, Dr. Ponces de Carvalho, e Delegado correram logo ao Padre Américo, querendo que se constituísse parte. Era necessário educar. Fazer compreender ao povo o mal que tinha feito. Eles não podiam proceder judicialmente sem a sua queixa. O Padre Américo, porém, não se resolveu. Que voltava a Coimbra; pensaria e consultaria o Snr. Bispo e depois resolveria. A verdade é que no seu espírito já estava resolvido: perdoar.

NOTA DA QUINZENA

É um dos pequeninos grandes casos que aqui vêm dar todos os dias.

Nós precisávamos de nos encher desta verdade: Uma urgência de um Pobre, ou os seus direitos mal defendidos, são sempre um grande caso, justamente por causa da pequenez (no conceito do mundo) do seu sujeito.

O problema dele é uma preocupação que afecta uma Pessoa e a faz sofrer, não na medida da importância objectiva do problema, mas na proporção da sua incapacidade de resolvê-lo.

Ora todos nós que respiramos um ar impregnado de materialismo, praticamente deixamo-nos prender pela lei do número.

No seio das massas perdemo-nos do valor insuplantável da Pessoa humana e esquecemos que só a salvação dela (de todos e de cada um dos homens) determinou Deus a dar-nos o Seu Filho, também Pessoa humana.

Acabamos por considerar como coisa de somenos o sofrimento deste ou daquele e insensibilizamo-nos, enquanto a dor não bate também em nossa porta.

Então, o nosso é, com certeza, um grande caso!

Mas eu vou a fugir da nota triste desta quinzena.

Uma pobre viúva que moureja ainda o pão de cada dia pensou livrar da ruína total a sua casita. Pediu, veio por aqui, conseguiu algum dinheiro adiantado — e começou a obra. Junto à casa um pequenino quintal, murado.

Ela sabia (Vá lá! Podia até nem isso conhecer!) que era preciso tirar licença na Câmara. Tirou. Porém, julgava que a licença era para casa e muro e não especificou. Mexeu na casa e tudo muito bem. Tocou no muro e aí aparece o zelador, muito zeloso de cobrar a multa, sem querer saber da boa ou da má fé da pobre mulher. Pagou a multa. Diante de mim o documento: 400\$50.

Ora bem! Julgava a pobre mulher (e eu também julgava!) que a multa serviria de licença... Pois não senhor. Era necessário pagá-la e agora «dobra duas vezes e meia mais do que se a tivesse tirado na maré». Só 504\$50!

Quer dizer: as obras no muro, que pouco iam além de estender sobre ele uns metros de arame para melhor resguardo do quintal, ficaram em pouco mais do que a multa mais a licença: a rica soma de 905\$00!

Ora eu acredito que tudo isto venha na lei. Nem era de outro modo que se atreveriam a imprimir nos recibos: «Guia de receita eventual»...

O que eu não acredito é que

aplicações desta natureza estejam na mente do legislador.

Pois não é um valor que enriquece a Nação, uma casa em vez de um casebre, um quintal protegido e produtor em vez de terras a saque?! Pois não é um valor (ó incomparavelmente mais digno!) uma mulher viúva e já idosa, que moureja de sol a sol o pão de cada dia, reagir contra a miséria estagnada e deprimente e procurar deixar aos seus (à sua própria terra, também!) um património valorizado?!

E vêm os executores da lei — zeladores! —, cegos ou maus, sem distinguir trigo nem joio, ceifar a esmo para a receita eventual! Que julgam os homens poder produzir de bom com receitas recebidas a preço de iniquidade?!

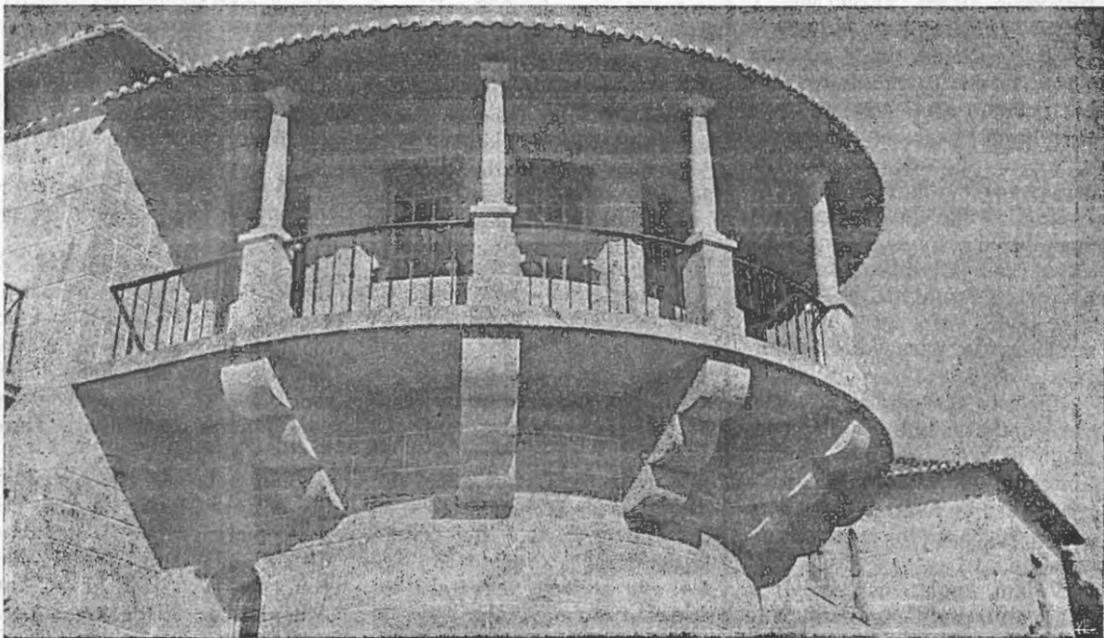
A dor daquela pobre mulher viúva e já idosa é uma injúria que brada. Ela é uma imagem de Deus, configurada mais a Ele pelos traços do sangue de Cristo também por ela derramados. Que importa que nos conceitos do mundo seja fraca e insignificante?! É uma Pessoa, que luta por conservar o aprumo, a dignidade própria das Pessoas.

O seu esforço merecia estímulo, compreensão. Depois dele, ela era, mais do que até então, digna de paz.

Pois enganou-se. Os zeladores deram-lhe a contradição.

E a caixa das receitas eventuais também foi enganada: Parece que cresceu e abriu brecha mal lá entrou o que não deveria entrar.

Eu sei que a coisa se passou dentro da letra da lei. Mas sei, com certeza ainda maior, que foi sabotado o espírito do legislador!



Casa Mãe. Daqui as maiores desordens por via do refeitório e cozinha. Mansão de Paz e Amor desde a primeira pedra de seus alicerces! Dentro, que horas altas pelo amargo do Calix. Nas beiradas, os ninhos das andorinhas!



RÊS doentes regressaram já ao anterior modo de vida. Um deles, porque saudoso da lojita onde matava o tempo e molhava os ais. Outro, porque encontrou família junto de quem vai findar seu penar incurável. Outro ainda, porque mendigo e muito habituado a esmolar pelas feiras, o que serviu para nos convencer mais do terrível vício que é a mendicância autorizada. Por ser rendosa todos a preferem. Vamos assim registando frêquentes enganos a respeito do que seja o Calvário.

É uma casa limpa, onde os que possuem sentimentos nobres, vegetem eles por esterco ou lama, fazem ambiente digno.

Outros que se enganam ao chegar são os visitantes. Idealizam um hospital com inúmeras janelas, porteiro, corpo de enfermagem e limpeza, clínica em funcionamento. Como nada disto deparam, espantam-se.

Trata-se de pequena aldeia, perdida sob frescas carvalhas seculares, tendo ao centro a Casa-Mãe para repouso dos mais enfermos, ladeada pela capela convidativa (antigo espigueiro da quinta) e por lares acolhedores a jeito de moradias portuguesas, destinados aos doentes abandonados, actores e espectadores de tudo quanto se desenrola.

Mas, os enganos não ficam por aqui. Há cartas que falam entusiasmadas. As expressões com que nelas é classificado o Calvário são as mais altas e dignificantes. Para uns é a ideia sublime, para outros a obra gigantesca de projecção social desconhecida entre nós.

Ora, vista por dentro, ao invés, é montão de lixo que à rua é deitado pela sociedade, pelas famílias, pelas instituições. Cancerosos, paráliticos, aleijões sem conta são os preferidos neste vasadouro público. Todas as idades. Ambos os sexos. A par, a pobreza e a carência do extremamente preciso.

Subindo às enfermarias, as camas anseiam por colchas. Se descemos ao refeitório e à cozinha, quantos utensílios ausentes ainda. Na copa — dizem os doentes — que bem ficava um frigorífico! Mas quem acode antes que se nos estraguem os gêneros alimentícios!

Na rouparia não vale a pena entrar. Os senhores sabem como e de quê no vestimos. Por ora, andam alguns aos empréstimos. Prossigamos.

Sendo isto exclusivamente para doentes pouco mais se vê do que construções airozas. O apetrechamento clínico é o mais rudimentar e caseiro. Quem lida com doentes profissionalmente, conhece melhor do que ninguém o que falta numa casa desta natureza, desde pinças e sondas até remédios, digo narcóticos e sedativos, porquanto incuráveis os donos do Calvário. Como gostaria que ao menos eles morressem consolados e tranquilos, para mais resignadamente saberem aceitar o fim que é começo da Vida.

Mais ainda. Quanto ao pessoal de enfermagem somos todos. Criados, igualmente todos uns para os outros. E assim é que está conforme o espírito da **Obra de, para, e por doentes.**

Por isto mesmo, o Calvário, carecendo de tudo quanto possuem as obras grandes, inclusivamente de relógio de parede que marque horas, é, no consenso do mundo, a obra gigante.

Vejam, pois, os senhores, como anda tudo enganado. Não

é nada do que se pensa. O pobreza franciscana a nossa! Só vista! Esperamos que o verão traga surpresas. As camas estão a ficar repletas. As doencas a repetirem-se e consequentemente a exigirem porta aberta. Os doentes que mais frequentemente recebemos são os cancerosos. E só estes não vêm enganados porquanto desenganados.

Oiçam a história do senhor Américo, que Deus nos chamou há dias. Jornaleiro do Alto Minho. Viúvo. Tinha somente uma filha «que não tem obrigação de olhar pelo pai» — como me respondeu. Com dinheiro emprestado apresentou-se no hospital para internamento. Esteve tarde e noite no Banco daquele, onde lhe declararam que não podia en-

trar. É canceroso do fígado. Pessoas de bem rogaram-nos abrigo para ele. Na rua nunca. Veio. Permaneceu dois escassos meses connosco. Com alegria recebemos mais este doente que soube sofrer. O caso não é singular. É índice de muitos outros que igualmente «não têm lugar nas estalagens». Cristo continua vivo nos Seus membros, e do mesmo modo repellido e com igual caridade amado. Quem pode deixar de amar os nossos irmãos mais sofredores?

Externamente o Calvário não apresenta fachada de obra pública. Mas que não haja enganos. A grandeza dele não está no exterior, mas na altíssima dignidade dos que nele sofrem — Cristo Místico.

Padre Baptista

CAL
+ VA
RIO

Do que nós necessitamos

Esta veio de Lisboa. Traz o calor de uma vitória. «Sou uma das muitas funcionárias que fui aumentada. Cada mês que tem passado, eu digo este mês dou; mas tem-me faltado a coragem de dar. Que tristeza eu sinto! Deus ajudou-me e eu em nada ajudei a suavizar os que sofrem. Agora venci. Segue o meu aumento de um mês e mais 100\$ para a campanha dos 30.000x20\$. E termina com um grito de júbilo. «Se os que podem, experimentassem a alegria de dar por certo que seriam mais felizes». De Lourenço Marques uma nota de quinhentos e mais nada. Também de Lisboa chegaram os 21 selos habituais de 1\$00. Aqueloutra que nos pergunta se temos recebido todos os meses a mesma «migalhinha» de 20\$ dizemos que sim. De Viseu e de Coimbra outras do mesmo tamanho. As boroas grandes são feitas de pequenos grãos de farinha. E que sabor não têm quando amassadas com suor do trabalho de cada dia!

Há muito que os Pobres do Barredo são também vossos. Da R. Costa Cabral vieram 601\$ para lhes dar. «Em cumprimento de uma promessa, 350\$ e por legetuda: «há muito que o vosso jornal é lido, saboreado e meditado por todos cá, em casa, e até por estranhos a quem cedemos no desejo de se resolverem a ser assinantes ou de se moralizarem ou consolarem com a sua leitura. Os 350\$ são o produto de 7 meses em atraso, por trabalhos, despesas e (mea culpa) descui-

do». Pai, Mãe e três filhas mandam 50\$ para os Pobres do Barredo. Em acção de graças, de Fânzeres, vem o dobro. De Vale de Figueira acrescentam 20, com o destino do costume.

Bem juntas, enviadas com o mesmo carinho, traduzindo o mesmo amor pelos Pobres, 4 notas de cinquenta — uma de Lisboa, da assinante 13.582; outra de Gouveia «para que juntamente com outras migalhas vá minorar um pouco esses infelizes que, sem o saberem, tocam tantos corações para que se tornem mais caridosos». Mais uma de Aveiro, em acção de graças e outra de A. C. de S. João da Madeira.

À hora em que escrevo há grande movimento na nossa Aldeia. É um mar de gente que sobe as ruas, outros sentados debaixo das ramadas, a gozar a sombra, neste lindo dia de Primavera. Grupos excursionistas, ranchos folclóricos para quem, de há muito, a Casa do Gaiato se tornou ponto obrigatório de paragem.

O Rancho Típico do Ilhéu de Campanhã trouxe-nos a sua juventude e alegria exibindo-se em alguns números. Não se foram sem deixar um bocadinho do seu sacrifício. O mesmo aconteceu com o grupo excursionista Estrela de S. Dinis.

Duas notas de 100 e uma de 50 de duas Marias da Luz. «Os dois amargurados» vieram como de costume. Atrás, «uma Mãe» com cem. De Vila Real de Santo António 20+20 de «uma peca-

Férias forçadas em Ordins

POR PADRE AIRES

1) «Chuva de romances de lá»: eis uma ideia proposta por uma leitora, para se acabarem com as «férias forçadas em Ordins». Trata-se duma ajuda fraternal prestada às mulheres pobres desta terra, plantada nos altos da «serra» do Mósinho. Ajuda eventual ou mensal. Um pedaço de pão é um pouco de amor. No que se dá ou na maneira de dar vai, por vezes, toda a nossa alma, todo o nosso amor. São poucas, por ora, as que acorreram à chamada, mas vão entusiasmadas, graças a Deus. Abre o Fundão: «achei ótima a ideia do romance de lá por mês. Vão esses 20\$ que é deste mês e do que vem e, se Deus quiser, continuarei. Desculpe, é pouco, mas como de grão a grão...». S. Pedro do Sul vai com seu «novelinho de lá». Fui a ver e eram 10\$00. No Espelho da Moda foram dar 20\$ «para Ordins da assinante n.º 24.851 do Porto». Com outro tanto segue Lisboa. É para «dois romances e logo que me seja possível estarei presente mais vezes». A carta termina, no mesmo teor de compreensão e caridade: «que todos quantos lerem a sua «local» oiçam a sugestão apresentada! E que essa «chuva» abençoada caia sobre Ordins, minorando a infelicidade dessas Mulheres nossas irmãs». Quanta doutrina nestas últimas palavras! Mas quantos passam à frente, embriagados pelo mundo e pelas paixões! Que lhes importam os irmãos em necessidade? Passam à frente. Só o Samaritano parou. Dos lados de Lamego leva também o facho alguém que vive para os outros: «linda a ideia dos romances! Ai vão dois para agora e espero que não faltarei à chamada, tanto mais que na expressão de V., são tesouros que um dia encontrarei no Céu. Praza a Deus que assim seja e que, pela misericórdia do Senhor, lá entre um dia guiada pela mão dos Pobres». Mais doutrina. Bemaventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!

Se o leitor souber, encontrou 90\$00. Ora mandei chamar a senhora das Tecedeiras e mostrei-lhe as cartas, cujos extractos acabámos de ler. Não era pelo muito recebido, mas pela possibilidade que se nos pode oferecer, se aos 90\$ se acrescentar mais e mais. Qual o melhor destino a dar aos «romances de lá»? Diversas finalidades se lhes poderia dar em Ordins, onde falta tanta coisa. E todas seriam boas. Há camas sem lençóis. (Se viessem os que Moçambique, um dia, me prometeu...). Há mesas coherdas com um papel. Não se vai, por vezes, ao médico, por não haver roupa limpa. Há casas por

dora»+20 de Tavira. E fecha com chave de ouro. A assinante 20.194, residente na Bélgica, mesmo de longe diz que está presente e manda entregar 2.000\$, fruto do seu trabalho honrado.

Padre Manuel António

dividir, ao menos com uns metros de riscado, separando, assim, as camas. A Senhora até já me mandou, há tempos, pôr aqui que se necessitava, para este efeito, duma peça de riscado, mas tenho-me esquecido. Não obstante tantas necessidades, resolveu-se com estes nadinhas atrair as mulheres e raparigas à casa de trabalho, iniciando-as na aprendizagem de malhas. Por cada romance de lá tricotada, dar-se-ia um nadinha. Assim aprenderiam a fazer camisolinas e o mais que depois se verá. Em vez de pagarem para aprender, receberiam por aprender! Em Ordins só assim. Deste modo, se procura com os «romances de lá» preparar a mulher para a vida.

2) «Jardins floridos e casas caiadas»: a ociosidade é clima de viciados. A fome é má conselheira. As «férias forçadas em Ordins» constituem, pois, um perigo. Pediram-se aos leitores sugestões para obviar a este mal. Os «romances» são uma ideia. Como nos mais anos, já sabia que, após o Natal, as tecedeiras de chales teriam de vegetar. Era preciso acudir-lhes com um pedaço de pão. Havia já o concurso dos «jardins das tecedeiras» que lhes costumava dar migalhas. Este ano o concurso estendeu-se a todas as famílias de Ordins e Ribas. E não seriam migalhas, mas prémios pecuniários no total de 5.000\$. Jardins floridos e casas caiadas. O jardim serve para embelezar a casa. É esta, então, que deve ter prioridade, tanto mais que o Pobre vive numa casa qualquer. E como homem que é, devia ser ela digna de si mesmo. Tem de haver uma diferença muito grande entre a casa do homem e a cortelha do animal — e, por vezes, não há. Ora o concurso visa a fazer compreender este pensamento e pô-lo em prática. Quantos desmandos de costumes, por a casa não ser digna do homem. Acaba por se nivelar com ela... Em Ordins há problemas graves no campo da habitação. Casas por dividir, forrar, soalhar. Casas de colmo, com as juntas de pedras por argamassar, pelas quais passa o frio e se vê o sol. Metade das habitações são de aluguer. Ora se o senhorio não compõe, não repara, como o há-de fazer o inquilino? O senhorio não compõe por as rendas serem muito baratas. O inquilino também não, por a casa não lhe pertencer. Os 5.000\$ para «jardins floridos e casas caiadas» são uma tentação. O primeiro prémio é de 1.000\$ — uma fortuna para esta gente humilde! Não há outro processo para concorrer, que, além do jardim florido, se ter tomado as juntas e branqueado as casas interna e externamente. Graças a Deus, vão-se vencendo as dificuldades... enormes para a mentalidade deste povo. «Caiar uma casa que não é minha...» — naturalmente, se se quer tomar parte no concurso. Há senhorios que ajudam. Já se onve a alguns

as
ns

E noite. Pela janela aberta entram a fresqui-dão, o sussurro dos raios e as borboletas atraídas pela luz. Até há bocadito, ouviam-se ecos de rádio aceso e ruído de vozes nas casas. Depois a melopeia ritmada das orações do fim do dia:

*Minha Mãe, minha Senhora
Sobre estes filhos lança
Vossa bênção carinhosa;
Do Céu a Graça nos dai.*

Agora há silêncio.

Os maiores foram à televisão. Só no quarto do Daniel ainda a luz acesa.

Lembro-me daquele Pai que uma vez me confiou: «Todas as noites, antes de dormir, eu passo, um a um, os meus nove filhos». Nove vezes vinte... Aí estão os meus filhos mais de perto. Não sou capaz de passá-los um a um. Passo-os em desejo e em conjunto. Quantas lutas, quantas quedas, quantas vitórias! Tantos que se recuperam..., penosamente, mas recuperam-se! Alguns que desistiram no meio da prova e sucumbiram.

Senhor, só a Tua Graça fecunda o que semeamos e podamos e regamos, em Teu Nome!

Espontânea, sobe do coração aos lábios a oração de Pai Américo: «Senhor, guarda os que me deste. Eles são mais Teus do que meus».

★

SRILOS. Eles são os maiores cantadores neste mês de Maio. Na Capela, enquanto dura o terço não se dá por eles. Mas, finda a ladainha, quando Cândido sobe ao pé do Altar e começa a leitura, eles compõem-lhe o fundo musical, a que todos nós já nos habituamos.

Grilos são um assunto importante. Os senhores já o sabem dos mais anos, mas eu sei que gostam de tornar a ouvir. Os mais pequenos, aos domingos, depois do almoço, vêm pedir licença para uma excursão: «É só aqui ao monte da nossa terra nova...»

Refeitores que não têm recreio quando os mais, vêm pedir também para ir passar lá o seu.

Há menino que colecção deles. Depois são as trocas. Há mesmo exportação para o Lar do Porto.

E julgam os senhores que são só os pequenitos?... Cândido, o nosso chefe maior, que dentro de dois meses, se Deus quiser, será chefe de Família, chegou a juntar 30. «Russo», que foi há tempo à tropa e posto a andar por fraquito, 18. Uma vez ou outra são lágrimas aqui no escritório. «Fulano tirou-me um grilo!...» «Russo» faz a sua colecção à custa destes expedientes. É useiro!...

Ontem à noite fui dar uma volta pelas casas. No seu quarto, Fábão saiu de ao pé do

promessas: a casa caída até me-rece janelas... E assim os senhores são levados a fazer o que, antes, não pensaram... e as habitações vão-se tornando mais dignas dos seus habitantes, filhos de Deus.

Padre Aires



VISTAS DE DENTRO

armário, de mãos fechadas. «Que tens aí?»

Abriu. Grilos!

Hoje encontrei uma casinha de contraplacado com rés do chão e primeiro andar. Em ambos, grilos. Não perguntei, mas não arrisco grande erro se disser que por ali anda mão do Neca carpinteiro.

Que bom o encanto dos grilos!

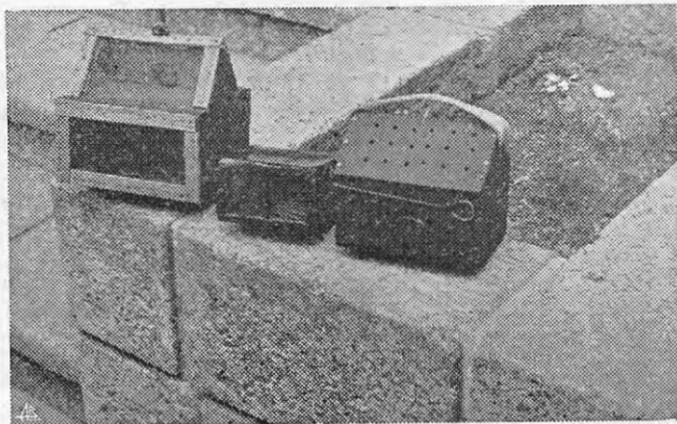
★

SEMPRE que dou uma volta pela quinta com Padre Manuel António eu farto-me de gozar e de aprender com a singeleza da sua alma.

Foi assim outro dia. Parámos em um degrau de onde se avista grande parte da quinta.

«Olhe! Nem um bocadinho ficou por cultivar, vê?...»

Perto dali, canteiros pequeninos povoados com todas as espécies vegetais. São os quintais deles, onde muitos ocupam as suas horas de ócio e donde vêm a sair



Grilos. Eles e mais eles. Um dos grandes números do Mês de Maria! Sem eles, esta bela aldeia não seria tão Casa do Gaiato!

depois as batatas e as couves, que puxam pelo bacalhau e pelo azeite nas lutas jantaradas do tempo das colheitas, com grande escândalo da Senhora, que vê a dispensa a esvaziar-se e a conta do merceiro a subir.

Padre Manuel chamou-me a atenção. «Veja! Que batatas tão boas! Estão mais adiantadas do que as nossas... Eu tenho fomentado os quintais deles!»

Seguimos. Daí a pouco demos com dois dos «fomentados» lavradores, de padiola na mão cheia de estrume. «Onde foram vocês buscar esse estrume?...» «À estremeira» — responderam eles muito lesto e muito simples.

Padre Manuel ficou um bocadito embatocado. Ele passa a vida aflito com a falta de mato e a necessidade de estrume, por causa dos campos novos que se compraram há tempos. Debaixo dos seus olhos uma padiola atestadinha do precioso adubo! Ficou embatocado!

Ora vejam os senhores os riscos cá em casa dos «planos de fomento!»

NÓS temos agora uma manadilha de gado como nunca! Só em miudezas nada menos de sete cabeças: três vitelas e quatro touritos.

Nos dias bonitos, eles vão para o lameirão pastar e é um espectáculo vê-los sair do curral e depois, no campo, a brincar. Ao pé, o pequenino pastor, corre e participa da brincadeira.

É impossível que aqueles contactos não deixem sinais na alma.

Os dois touritos mais velhos já fizeram algum trabalho.

É sempre um grande número da aldeia quando eles começam a aprendizagem.

Antigamente eram o «Russo» e outros da Casa-Mãe, quem treinavam os touritos nas horas de folga. Agora, como há muitos no campo, são os de lá que os treinam quando são precisos pequenos carretos.

Mas o trânsito para à passagem da novel junta e enquanto os touritos não desaparecem, na indisciplina dos seus movimen-

tos um nadinha selvagens, é escusado de prègar o trabalho.

★

DUTRA sorte de bichitos que têm dado que falar são os pintos.

Carlitos, columbófilo desde pequenino, foi sempre um adepto da avicultura.

Outro dia comprámos uma chocadeira em boas condições. Adaptou-se a propacilha que nos sai barato, e armou-se a tenda. Os primeiros dias foi um desassossego em volta dos ovos a ver da constância da temperatura. Eu mesmo, confesso, perdi lá os meus bocados.

Mas o pior foi quando os pintos começaram a nascer. «Olha aquele a picar a casca!» «Olha o outro a saltar por cima dum ovo!» «Olha aquele que deu uma cambalhota!» «Olha eles a picarem!»

E era um nunca acabar de «olhas!»

Ora esta primeira experiência da chocadeira não foi inteiramente feliz! De 170 ovos só nasceram cerca de 50 e muitos ovos tinham o pinto dentro, formado, mas morto. Porque seria?

Arriscámos mesmo uns ovos Rodhe Island Red, mas desses tivemos pouca sorte!

Ora Carlitos disse-me outro dia que se soubesse de aviários escrevia para lá a pedir ovos. Eu vou-lhe dar uma ajudazinha. Na semana que começa em 28 de Junho vamos experimentar de novo a chocadeira.

Quem manda os ovos fresquinhos na ocasião?

★

RAMADA, actual chefe da venda, convocou hoje assembleia geral dos vendedores e convidou-me a assistir.

Agenda: «A venda baixa, cres-



SETUBAL

Ele há baixeiras tão baixas e grandezas tão grandes! Quem diz que os homens são iguais? Quem apregoa a igualdade? Quem?

A vida humana é um autêntico mistério que só a luz da Fé é capaz de vislumbrar! Quem se atreve a sustentar que os homens são iguais? Quanto mais vou entrando nos problemas humanos, mais abismos de medidas infinitas vou descobrindo entre os homens. Ele há baixeiras tão baixas e grandezas tão grandes! Ainda não encontrei a mediania. Só estes dois polos me têm chocado. Por isso tremo. Tremo porque tanto uns como outros me puxam para cima.

Fui há uma semana buscar um menino de um mês e cinco dias. Se não fosse Cristo ter-lhe-ia acontecido o mesmo que aos outros dois irmãos. Teria morrido. Mas não, Cristo vive nos Cristãos e por isso o menino viverá e mostrará aos homens o valor dum homem. Veio duma palhoça. A mãe, uma débil mental, sem coração, comia o que lhe davam pró pequenino. Do pai não se fala. Não se sabe quem é. Nem a mãe sabe. São tantos os que poderiam sê-lo... Isto consente-se no meio de risos de escárneo, de indiferença e de maldade, e, entre a dor de gente séria e cristã de certa aldeia. A mãe não quer sair do meio. Arranjou-se ambiente de amparo e regeneração; mas não quer. A paixão é feroz. Para onde posso eu obrigá-la a ir? Para onde? Quem me diz? Quem me acode? O caso faz-me assustar porque a toda a hora da noite aquela palhoça é inferno. Os homens animalizados são piores que os próprios cães. A juventude sem rumo, nem ideal procura a satisfação do instinto! Oh! como

cem muitos jornais... mandam-se menos jornais na venda seguinte. Tudo corre bem umas quinzenas e volta a venda a baixar e torna a baixar-se o número dos jornais que vão para a venda.

Ora isto não pode ser. A culpa é dos vendedores».

Ainda há dias aconteceu que Albino foi a Amarante ensinar a venda ao «Peixeira» e venderam 140 jornais. Quinzena seguinte «Peixeira» foi sózinho. Vendeu 130. Uma vez mais e já não pensava dos 120. A última quinzena só vendeu 80. Não pode ser! É o «Peixeira» que é «morcão». E disse, e disse, e disse.

«Pois muito bem — continuou Ramada — vai-se fazer ao contrário: Vão para a venda os jornais que devem ir e têm de se vender todos».

Vários deles propuseram então que os jornais fossem todos distribuídos ao sábado, para a venda desse dia e de domingo. Acordaram todos que é melhor assim.

Eu estava ali, sem perceber nada de vantagens nem de inconvenientes. Eles é que sabem.

Obra deles, para eles..., só por eles tem verdadeiro sentido.

Eu escutei, religiosamente, e fico aguardando o resultado da reforma.

eu saboreio nestes momentos os mandatos divinos da castidade. Como faz bem aos meus rapazes a vista deste inocente. Como eles compreendem que Deus quer apenas o equilíbrio humano, a nobreza e dignidade dos homens, ao impor limite à sua paixão. Como eles apreciam este valor da castidade. Sim! aos maiores eu apresento estes casos reais pró prevenir.

O menino não veio para nossa Casa. Nós não podíamos. Tenho um de dois anos e meio e o outro requeria cuidados que humanamente lhe não podíamos dar. Então? — Fui pedir. Eu sabia da grandeza e fui lá bater. Alguém que quer ser mãe de abandonados. Ganhar-lhes o sustento com o suor do rosto! Fui bater e as portas abriram-se: — «Traga-me o menino». Cuida dele a avó adoptiva. Uma senhora, mãe de oito filhos, que são uma coroa, quer agora ser avó de abandonados! Que alegria para aquelas duas mães! Os vizinhos souberam e fizeram uma recepção ao nosso menino. O enxoval foi preparado de um dia para o outro e uma nova alegria encheu a família.

Ele há grandezas que só a fé poderá vislumbrar. Evaristo Manuel tem mãe porque Cristo vive. Vive nos Cristãos. Como eu gosto deste nome! Cristãos!

Tenho encontrado tantos homens à procura de Cristo cheios da simpatia irradiante d'Ele e tão afastados d'Ele, dizem, por causa dos Cristãos. Eu tenho argumentos. Apresento estes casos. Conto-lhes tudo e faz-lhe tão bem! Outros vêm com a igualdade e eu pergunto-lhes onde está a igualdade. Onde? — Se os homens são tão diferentes como o Céu e o Inferno.

P.º ACILIO

TOJAL

—Tojal, É o grito simples e ingente que ressoa solicitando à prática do bem comum. Todos os caminhos lá vão ter, e convidam ao sacrifício e ao amor verdadeiro. Não se contenta por belas vias, senão por veredas e silvados, para que de vestes rasgadas, os pés em chaga, a escorrer sangue, chegue o melhor sacrifício bendito e convincente. A Humanidade acha-se faminta desta heroicidade, a prova mais concreta de toda a nossa Religião. A Caridade é o fundamento dela, a maior recomendação. Dá felicidade e garantia quem A vive e A faz viver. Conhecem-nos por seus mensageiros. Poderá haver alguém que se zangue por batermos com insistência às suas portas? Talvez! Que importa se para a sua expansão todas as barreiras são desmontáveis. Reprimem-nos do nosso descaramento o que é lamentável. Não seríamos tão impudentes se fosse a Humanidade mais aberta e visse com Fé, no Pobre, a pessoa real de Cristo Pobre e de Cristo Rei que se nos apresenta monumentalmente lá no alto erigido de coração e braços abertos, o gesto dominante de vida do Testemunho de Deus. Ele agora deseja abraçar-nos na Caridade Ardente.

E continuamos na pedincha como de costume. Eu sempre preferi redigir um artigo em estilo de palha que aborrecer gente de vida «Larga». O

pior é que não me deixam e sempre o «chaga do Anastácio» não me dá repouso.

—Põe no jornal, pá, que os senhores mandam. Insiste e logo verás. E

rendos Padres Directores do Colégio S. J. de Brito que tanto bem nos tem feito. Sempre naquilo que necessito logo eles a ajudar-nos resignadamente. Somos dois nele, a estudar; o Peixoto



PELAS CASAS DO GAIATO

então que para ele tudo se lhe apresenta fácil! Não duvido e ponho:

Estamos a chegar ao tempo das praias e não temos fatos de banho capazes; A minha camarata carece de colchas novas, porque as que estão já não se lhes conhece a cor verdadeira. Caso raro e interessante:

Houve há dias um senhor que nos visitou e em estilo de «chega», promete dar-nos tinta para a pintura das camas. Quem dera que aparecesse outra «chega idêntica» agora para pintarmos as janelas. Estão sem cor alguma e outras já com a madeira furada do caruncho. Venham e eu certificar-vos-ei da verdade.

E é disto e de muito mais que os senhores têm oportunidade de engrandecer a amizade de Deus.

—Tal como no ano passado não pode deixar de suceder este. Aqui vai o nosso agradecimento sentido aos Reve-

e eu e esperamos que em breve hajam mais. Rev.s Padres Lino Roque e Magalhães amigos incansáveis nossos, obrigado.

Zé do Porto



MIRANDA

—Como todos sabeis estamos no tempo das sementeiras e com isto o trabalho aperta um pouco mais, e lá vão os das oficinas pegar nas enxadinhas e trabalhar para o campo; e isto é devido à grande quantidade de terrenos que temos, e só cá trabalha um homem de fora; por isso quando chega a esta altura de maior trabalho já todos sabem.

—As batatas que já estão na terra há algum tempo já nasceram. Mas como o tempo não tem sido muito favorável, a moléstia entrou com elas e por isso a colheita não promete ser muito fértil. Mas Deus é Pai, e tudo pode, por isso tenhamos confiança.

O milho já vai nascendo e algum já andam os rapazes a schar, e diga-se a este respeito têm eles muito que fazer. A vinha está muito linda e se assim continuar deve dar muito trabalho a apanhar que é o que a malta quer. O resto na agricultura tudo como é normal e a seu tempo dará os seus frutos.

—A falar-vos não podia deixar de falar do mês em que estamos ou seja de Maio, o mês das flores de todas as cores que enfeitam os jardins de Portugal.

O mês de Maio é também consagrado à Santíssima Virgem e por isso mesmo é que no passado dia 13 mais uma vez a Cova da Iria registou uma grande multidão de fiéis que por meio de Nossa Senhora deu glória a Jesus Cristo, seu Filho.

O Luís que é o mais velho cá da casa lá foi para cumprir uma promessa que fez na tropa, e aguentou muito bem o caminho. Nós como não podemos lá estar em corpo, estivemos em espírito e acompanhamos todos a cerimónia por meio da televisão. E tivemos a alegria de ver passar por aqui o Senhor Padre Manuel António com os rapazes do campo de Paço de Sousa.

João Martelo



LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA: Amigos leitores, julgo que devem estar um pouco zangados e não digo muito porque talvez exagere. Como sabem caros leitores e amigos, somos rapazes que temos os nossos trabalhos, ou estudos, os quais nos preenchem bastante o tempo, não falando já dos que trabalham de dia e estudam de noite. Mas creiam os bons amigos que temos trabalhado conforme as nossas possibilidades nesta Conferência.

Os Pobres têm sido visitados segundo as nossas posses, semanalmente, e graças a Deus temos tido o suficiente para os visitar, mas poderemos acompanhar os mesmos melhor um pouco, se assim os nossos bons leitores o quiserem. Acho que querem, que levemos um pouquinho do nosso e vosso amor aos nossos irmãos Pobres, porque os Pobres não nos deixam sem recompensa; quantas palavras de esperança, quantos conselhos oportunos e, principalmente, quantos bons exemplos e outras forças recebemos do Pobre que nos ajuda a levar a nossa Cruz à qual não podemos fugir, boa ou má temos de a levar até ao fim.

Desgraçada da Humanidade se não fosse o Pobre, isto é, se não fosse Nosso Senhor Jesus Cristo encarnado no Pobre, já não digo no miserável que é o que se admite neste século de riquezas. Nestes últimos não é só encarnado mas também crucificado.

Quem ousa dizer que Cristo foi um homem bom como outro qualquer que existiu naquele tempo? Ele vive e viverá entre nós eternamente, porque se não fosse Ele o que seria dos desventurados? Como se compreenderia o

sacrifício pelos indigentes? Só com Ele nEle e por Ele.

Os Pobres dão uma grande oportunidade a quem nos dá o seu quinhão para eles. Tanto nos faz que seja grande ou pequeno o que conta é o amor com que nos enviam. E culpa-se gravemente qualquer confrade que visita o Pobre como quem faz um frete, era melhor que o não fosse. Sem dúvida levar somente o pequeno óbulo a casa do Pobre é bom mas para isso apenas encontra-se um na rua e perde-se menos tempo. Não brinquemos com coisas sérias, não cumpramos o nosso dever apenas para sermos bem vistos porque tudo isso passa e o proveito é nulo.

Lembre-mos, Confrades, que o que levamos para o nosso Pobre não nos pertence mas que é o sacrifício por vezes enorme de quem nos manda. Nós apenas somos os recoveiros, que ao entregar recebemos algo para a vida eterna, porque se assim não fosse era igualmente nulo o nosso esforço.

A nossa principal preocupação é não falharmos com o quinhão de mercadoria que eles esperam ansiosamente, mas alguns antes queriam que lhe dessemos para o aluguer porque dizem muitos: «a gente com o estômago vazio podemos por vezes passar, mas sem casa é que não». Têm razão mas que podemos fazer, eles são às chumas e os alugueiros dos tugúrios são enormes, apenas vamos sofrendo mais um pouco e Deus talvez nos ouça e toque nos vossos corações.

Olhem que há dias apareceu cá um Pobre, rapaz dos seus 30 anos a pedir um auxílio para pagar o aluguer da casa. Não é nosso costume dar esmola à porta, mas a este demos. Viase que não era dos profissionais e levou um pequeno auxílio, ficando com a promessa de lá irmos. Pelas informações tiradas não nos enganamos. É um homem com três filhos e esposa que está desempregado vai em seis meses, paga 10\$ por dia de aluguer. No dia que cá veio estava ainda em jejum assim como os dele, mas a aflicção dele não era para a comida, era apenas para o aluguer, porque o senhorio tinha posto na véspera um fora tirando-lhe a própria roupa dos filhos para se pagar.

Querida lá ir mas não de mãos vazias, queria levar-lhe mais uma ajuda não só para o aluguer, mas também para os seus, mas não podemos estar a tirar à boca dos que já socorremos, isso era uma injustiça.

Este de que falo é um daqueles muitos desempregados que as grandes casas de comércio deitam para a valeta, para tomarem ao serviço dois homens reformados e ganharem o mesmo que um só. E consente-se que se desempregue um homem com três filhos e esposa porque lhe pagam um mês ou mais de ordenado e depois quando esse dinheiro acabar quem os sustenta?

Fernando Dias



CRÓNICA DESPORTIVA

Depois de um pequeno interregno futebolístico no nosso parque de jogos, voltamos, neste dia 31 de Maio, a estar em actividade. Podemos dizer que o dia foi grande; mas grande em todos os aspectos. Eram 8,30 quando apareceram as primeiras camionetas vindas do Porto. Sempre o Porto! Ao meio-dia já tínhamos cá para cima de quarenta camionetas. E, ao fim do dia, poderíamos ter contado uns 70 ou 80 autocarros.

Todos nos visitam, quer sejam pobres, ricos ou remediados. Todos. «Nós somos a porta aberta» dizia Pai Américo. E, quem nos conhece, sabe que os nossos portões estão abertos de dia e de noite.

Pois muito bem. Como acima digo, o dia 31 foi grande. No nosso parque de jogos não se parou.

Um torneio organizado pelo Sporting Clube da Fontinha para disputa da «Taça Pai Américo». Participaram neste torneio as equipas do Sport Musas e Benfica, S. C. Camões, Paraíso da Foz F. C., Tapada F. C. e duas equipas do Clube organizador.

Jogaram em primeiro lugar as reservas do Fontinha com o Foz tendo aqueles ganho por 2-1. Resultado surpreendente, porquanto o Foz tinha uma equipa mais forte e bem estruturada e se não fora a desastrosa actuação do juiz da partida que muito os prejudicou, teriam vencido sem dificuldade o seu adversário. O futebol é assim mesmo.

E com as reservas do Fontinha apuradas para disputar a final, deu-se início ao segundo encontro, que colocou frente a frente as duas melhores equipas do torneio: Sport Musas e Benfica e Sporting Clube da Fontinha, autêntico Sporting-Benfica.

Logo de início se notou o equilíbrio das equipas. Passes bem feitos, bola junto ao solo. Dois remates à trave dos dianteiros do Fontinha são aplaudidos pela assistência, mas num contra-ataque rápido e feliz do Musas estes marcaram o primeiro gol. Pouco depois o Fontinha perdeu nova oportunidade de marcar e o intervalo chegou com o resultado em 1-0 favorável ao Musas. Na segunda parte o Musas marcou mais dois golos sem resposta tendo o Fontinha, entre outras oportunidades, perdido um penalti.

Sem dúvida que o Musas mostrou ser um bom conjunto ao longo da partida e não nos admiramos de ter sido esta equipa que triunfou brilhantemente conquistando a «Taça Pai Américo». Parabéns ao Sport Musas e Benfica.

As 15,30 defrontaram-se as equipas do Gaiato e o Avintense para um jogo amigável. Os visitantes venceram por 4-1 a nossa equipa que se apresentou muito desfalcada. No entanto o Avintense jogou muitíssimo bem e não marcou mais porque... não quiseram. Depois do encontro os nossos visitantes apresentaram no nosso salão de festas um pequeno mas engraçado acto de variedades. Queremos antes de mais nada agradecer a visita do Grupo Dramático Avintense que se mostrou simpático e carinhoso. Obrigados.

Para terminar queremos agradecer a todos os grupos que proporcionaram aos nossos rapazes um belo dia desportivo. A todos muito obrigado.

Cândido Pereira

Conferência Vicentina

Cheguei agora mesmo da volta do costume. Cansado — mas alegre.

A manhã apareceu nebulosa, o cimo dos montes parecia algodão. Depressa o sol rompe, os passarinhos cantam mais e o orvalho brilha na verdura. Montes e vales, flores e árvores, searas e riachos, — Vida! Deus a revelar o Seu poder Criador.

Excepcionalmente fui visitar a Senhora Aurora, que vive numa casa do Património. Uma casa limpa e arrumada. Há muito que por lá não ia e mais, na volta, passo mesmo à beirinha. Ficou contente. Ora se não! Era ali em nome do Senhor. De mais ninguém.

Sentei-me numa arca já um tanto envelhecida. Porém, delicadamente, pediu que me sentasse numa cadeira. Obedeci.

Falou dos seus males, resignadamente: «Vai-se andando até que Deus queira; quando não manda chamar a gente». Falou de Pai Américo, com saudade: «Nosso Senhor o tenha lá no Reino dos Céus pelo bem que fez aos pobrezinhos».

—Vamos terminar. Não sem informar que Jesus veio buscar a alma do Senhor Meireles. Gostava de estar com ele. Que de bondade irradiava este homem! Foi pró Céu a 6 de Maio e está lá a pedir por nós, pecadores.

O QUE RECEBEMOS: Temos continuado a receber donativos. Obrigado.

Os senhores façam o favor de não esquecer os nossos Pobres.

Júlio Mendes

BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

Hoje iria sair tão grande a lista das presenças à Obra, que ocuparia todo o espaço disponível no Jornal, pelo que me limito a encimá-la com a seguinte carta, já recebida em Março, e que teve origem no apelo por mim feito então aos Josés de Portugal.

«Ao ler o nosso apelo no último Gaiato, desde logo senti o desejo de lhe corresponder. Espero todos os anos, neste mês consagrado a S. José, enviar-lhe o que as minhas possibilidades me permitam. Este ano envio esta pequena importância em virtude dessas possibilidades serem diminutas, pois sou estudante e não ganho. Além disso, oferecerei a minha missa e comunhão de hoje para que o Senhor lhe permita concretizar todos os seus grandes desejos. Seu irmão em Cristo, José».

Ao lado da contribuição material a espiritual. E que valiosa! Pão para os corpos! Energias espirituais para as almas, recebidas pela comunicação dos Santos. É por causa destas grandes ajudas que Belém nasceu, cresce e se desenvolve, aos olhos de Deus e dos homens.

Em vales do correio, 100\$ de uma Serrana, 200 de uma Besteirense, 100 de um António mais 100 de alguém. De Senhoras amigas de Viseu 200 e bolos mais 100 e feijão e carolos. 20 dum comerciante da cidade. Colocados na minha secretária 200 e 20 recebidos na cidade. Senhoras de Besteiros ofereceram laranjas, um quadro de Jesus e outro da Ceia. Encomendas várias com roupas de criança e retalhos. Uma grande mala de Lisboa, com um mundo de coisas úteis. Géneros de mercadoria trazidos a nossa casa por várias pessoas de Viseu. De Paço de Sousa um vale de 1.400, soma dos donativos recebidos para Belém na Casa e no Lar do Gaiato e no Espelho da Moda. 60 metros de riscado entregues por duas Senhoras em nossa casa, para bibes. Recebemos medicamentos de um médico de Coimbra, por intermédio de

sua Esposa, do Laboratório Gastromil, de Laboratórios Azevedos — Lisboa, do Laboratório Kével, da Casa Merck e ainda muitas amostras que vários empregados de farmácias de Viseu pediram para Belém aos caixeiros viajantes. Foi o Laboratório Gastromil que mandou os primeiros socorros, a propósito dum «belenita» que adoeceu, e tomou a iniciativa de apelar para a generosidade dos Senhores Farmacêuticos. E temos ordem para pedir, sempre que seja necessário, qualquer medicamento Merck ou Kével. A todos um bem-haja. Por agora estamos bem fornecidas.

De Tábua, 50\$ para algum lenço de mão e 100 dum mãe do distrito de Viseu. Mais 50 do assinante 28562 e também do assinante 28818. Em vale registado 50 de «um pobre pecador». 150 de Lourenço Marques e 20 do Funchal e outro tanto pedindo um Pai-Nosso pelos Pais. Em vale 100 de uma noelista. 200 de Penafiel, 100 de uma amiga e 50 de Isabel Maria. Maria Adelaide envia 20 e uma amiga da Obra cem. De Maria Cecília e seu Marido, 50 como contribuição de Maio. Mais 20 de uma assinante do Gaiato. 50 da assinante 15565. De António, 100. Roupas de Maria Emília, em encomenda postal. Sr.ª de Viseu enviou 50 para bolos, no dia da sua «festa», lembrando que, se todos, no dia dos seus anos se lembrassem de Belém, muitos sonhos meus se poderiam tornar realidade. Acredito! 30 de Matos, Lisboa. Mais 100 de uma Visiense. Maria Albertina enviou 5 vestidos. De Felgueiras 300 e de S. Pedro do Sul 200. Um vale de amiga de Lisboa. «Migalhinhãs» da Ordem de Santa Cruz, Braga. 100 de Vila Moreira. 50 de Maria Amélia. Um cheque de 500 do Congo Belga. 350 do Mestre de Obras de Águeda. Da Faniqueira 100 e outro tanto de Cortiço da Serra. E ainda várias encomendas de roupa.

Bem-hajam.

Inês — Belém — Viseu